

QUEEN OF THE LOSERS

RAINHA DOS PERDIDOS

Douglas Luis Binda Filho¹

Xiu Xiu tem uma música que fala sobre ser amado e odiado ao mesmo tempo por todo mundo. Logo mais, é possível escutar, em um inglês teatral e alucinado: “a dor acabou de começar”. A canção, como um hino de obscuridade, faz questionar o real significado de amargar. Não se trata de uma dor comum. É uma dor avinagrada, um tempero perfeito para o dissabor. Um viver testemunhando a morte de pessoas vivas.

Toda vez que escuto essa música penso em uma certa professora. Concebo imediatamente seus olhos tristes e a forma como ela tenta caminhar sempre desolada com um mundo que é diferente para cada um, um mundo que serve diferentes pratos em um mesmo restaurante. Contudo, é apenas mais um desses desolos em deserto, sem fôlego nem reconhecimento de respiração.

Rainha dos perdedores, mas rainha. Penso em um ginásio, lugar de eternidade dentro de qualquer ser humano adulto. Também penso na professora, vestida com o melhor da moda francesa do século XVII. Reflito a respeito desse desequilíbrio temporal e sobre seus súditos lhe servindo olhos e outras partes do corpo de outros seres humanos. Esse devorar talvez seja a única coisa realmente significativa que se possa entregar a um perdedor: o desfecho do corpo como sentido. Um viver testemunhando a morte de pessoas vivas.

Nesse corredor cheio de *nós*, somos os perdedores de nossas vezes. Somos capazes de conceber que estamos abandonando tudo ao entregar nossos próprios pedaços de vigor? É viável deixar que uma rainha dos perdedores nos devore aos poucos? O que ela entrega que tanto aprovamos diminuir em nós? Um viver

¹ Estudante de Direito na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: bindadouglas@gmail.com.

testemunhando a morte de pessoas vivas? Um viver mais intimidado e disposto a ser paulatinamente desintegrado?

Penso na professora, enquanto caminha um trajeto repleto de tripas, avermelhado, carmim. Ela anda até a quadra e se depara com uma pilha de corpos. Ouvem-se grunhidos, vozes fracas, poucas palavras e uma dor sintetizada em sílabas. No topo, uma coroa, cuja resplandecência intensa quase a cega. A professora, então, sem respeitar os mortos e os quase-mortos, começa a subir, sem pensar duas vezes.

Seus pés pisoteiam rostos que já não possuem mais tanta história, braços que já não constroem firmamentos, peles que um dia foram capazes de sentir a possibilidade do que existe, e que hoje já não mais o fazem. As mãos da professora escalam rasgos, tripas, carnes, coisas vermelhas confundíveis e fenecimentos personificados. Ela não pensa muito sobre. Continua a subida, confiante que colocará a coroa em sua cabeça. A verdade é que a pilha de corpos a ser escalada não parece diminuir, e nossa protagonista, sufocante, em desespero, é engolida pela onda de corpos mortos.

Xiu Xiu tem essa música, então, que ressoa como um aviso. É impossível controlar a morte dos outros, muito menos uma vida que busca matar pelo apreço de se servir de ruínas. Apesar disso, ainda é plenamente possível entender até onde se vai consigo mesmo, com ou sem dores avinagradas. A verdade é que faz tempo que tenho pensado nessas coisas... em como o tempo e o espaço aprofundam a nossa angústia em não acabar, em como estamos constantemente aprisionados nessa impossibilidade de ter de dar o retorno a toda e qualquer morte. Mas não! Hoje o céu abriu, os vira-latas foram condecorados e os ditadores, maltratados. De hoje em diante, o auto cortejo. De hoje em diante, os cadáveres que se bastem!